

Boto em risco de extinção na costa portuguesa

12 de Julho, 2018

No primeiro semestre deste ano foram registados 27 botos mortos na costa portuguesa. O número, que ultrapassa em muito os valores registados para o primeiro semestre dos anos anteriores, antevê um cenário catastrófico para a presença destes golfinhos em águas nacionais: podem desaparecer por completo em menos que 20 anos. O alerta é de uma equipa de biólogos da Universidade de Aveiro (UA) e da Sociedade Portuguesa de Vida Selvagem (SPVS), que aponta a captura accidental em artes de pesca como a principal causa do declínio do boto em Portugal.

Dos 27 botos mortos registados na costa, entre janeiro e junho de 2018, 25 foram encontrados entre o Minho e a Nazaré. Destes, a grande maioria corresponde a arrojamentos entre a cidade do Porto e a vila da Nazaré. As marcas que alguns cadáveres apresentam – barbatana caudal amputada ou marcas lineares no corpo – indicam que os animais foram apanhados accidentalmente por redes de pesca.

“Este valor já ultrapassa em muito os valores registados para o 1.º semestre dos anos anteriores, desde que há registos”, aponta Catarina Eira, bióloga do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA e coordenadora do projeto LIFE MarPro, co-financiado por fundos europeus dedicado à conservação de espécies marinhas portuguesas como o boto e o roaz.

Extinção em menos de 20 anos

Se a população de boto na costa portuguesa estava já em declínio – com base em dados recolhidos até 2015 os biólogos estimam que a extinção do boto em Portugal deverá ocorrer nos próximos 20 anos – o cenário poderá ser ainda mais negro. Face ao número de arrojamentos registados em 2018, Catarina Eira diz ser “provável que um aumento na mortalidade venha a revelar um prazo de extinção ainda mais curto” para os botos nacionais.

Com uma população nacional abaixo dos 2000 indivíduos, em que menos de metade terá idade para se reproduzir, Catarina Eira aponta a zona entre o Porto e a Nazaré, onde um terço dos botos está concentrado, como a mais preocupante para a conservação da espécie. Na origem das preocupações da bióloga estão as capturas accidentais nas várias artes de pesca, salientando-se no caso do boto a arte xávega e a pesca ilegal.

“Esta zona [do Porto à Nazaré] concentra uma atividade de pesca bastante intensa. Apesar dos esforços desenvolvidos pelos pescadores para evitarem as capturas accidentais, a [arte] xávega, cuja expressão é maior nesta área, pelo seu carácter muito costeiro, acaba por ser responsável por uma parte da mortalidade”, aponta a bióloga.

Por outro lado, “esta zona também apresenta uma quantidade considerável de

pesca ilegal, normalmente realizada por pequenas embarcações muito perto da costa, com redes utilizadas de maneira ilegal (semi-derivantes, não sinalizadas) ou que operam em zonas dentro de uma distância mínima da costa onde a pesca não está autorizada”. Esta atividade, esclarece a investigadora, “além de prejudicar os pescadores que desenvolvem a sua atividade de acordo com a lei, por ser muito costeira, também ocasiona alguma mortalidade de boto”.

Ainda assim, e no que à arte xávega diz respeito, “se não se conseguir inverter o padrão de declínio do boto, não será certamente por falta de colaboração dos pescadores”, garante Catarina Eira, que destaca a “atitude bastante construtiva” que estes têm mostrado em relação ao problema.

Sítios de Importância Comunitária para Cetáceos

Durante o projeto LIFE MarPro, foi mesmo graças à consciencialização e à colaboração dos pescadores, que a equipa do projeto LIFE MarPro conseguiu testar diferentes artes de pesca e materiais de redes, para perceber o que poderia diminuir o número de capturas acidentais. Foi assim que descobriram que uma das soluções mais eficazes é o uso de *pingers* – pequenos aparelhos eletrónicos que se fixam às redes de pesca e que emitem um som que avisa os cetáceos sobre a presença da rede.

“No caso particular do Boto, sabemos que a utilização dos *pingers* nas redes fundeadas, de cerco e de Xávega, contribuem para a diminuição entre 50 a 80 por cento da captura acidental”, diz Catarina Eira. No entanto, é uma tecnologia muito cara para frotas de pesca mais numerosas, ressalva a bióloga, que acredita que se devem ainda “ensaiar novas medidas que sejam eficazes, ou seja, que permitam a deteção da presença da rede e que representem um baixo custo económico.”

No terreno, Catarina Eira aponta ainda a importância crucial de se aprovar para a zona marinha entre a Praia da Maceda, Ovar, e a Praia da Vieira, Leiria, pela abundância de botos que alberga, um Sítio de Importância Comunitária (SIC). Figura de proteção ambiental no âmbito da Rede Natura 2000 e previsto pelas diretivas europeias, com a aprovação deste SIC poderia ser posto em prática o Plano de Gestão também proposto para estas áreas e correntemente em Consulta Pública.

Este plano inclui várias medidas que podem prevenir a extinção do boto em Portugal como o alargamento do uso de *pingers* a todas as redes de xávega, o combate à pesca ilegal ou o ensaio de novas medidas de mitigação de capturas em redes de cerco e fundeadas.

**Foto de Nic Davies*